

A FISH WITH A SMILE: UMA ANIMAÇÃO QUE REMETE AO DUPLO

Sônia Maria de Araújo Cintra¹

O Homem nunca encontrará sua plenitude apenas em si mesmo.

(Mikhail Bakhtin)

Mergulhar na animação *A fish with a smile*² para fins analítico-interpretativos é tarefa complexa que requer ao mesmo tempo apuração da sensibilidade e certo conhecimento teórico. Para tanto, dois procedimentos básicos, que aqui aparecem separados por razões explicativas, mas que pertencem a um só processo cognitivo, foram adotados. O primeiro é o exercício de transposição das imagens audiovisuais para a linguagem verbal descritivo-narrativa e o segundo é a escolha da fundamentação teórica que possibilita ampliar a compreensão da mensagem veiculada como um todo e de sua crítica inerente.

Pela transposição da linguagem, buscamos ressaltar as questões concernentes ao sujeito em sua relação consigo, com o outro e com o mundo. E para análise dessas relações recorreremos aos princípios do sujeito do limiar e do duplo constantes da obra de Mikhail Bakhtin.

Em *Problemas da Poética de Dostoievski* (1997) surge a palavra limiar “como lugar da transição, da crise”. Compreendemos na referida animação essa transição através do desdobramento do sujeito em seu duplo. Segundo Bakhtin, todo ser humano é único, mas ele não existe senão em sua relação com o outro, ou seja, importa o ser humano em ação. Como filósofo da linguagem, Bakhtin compreende a realidade como diversidade, daí sua teoria pressupor um leitor aberto a várias possibilidades interpretativas. Dentre essas possibilidades, adotamos o enfoque interacionista por se tratar aqui da relação dialogal entre o eu e o outro. Questões condizentes com a música de fundo e com a qualidade visual das imagens ficarão reservadas para outra ocasião, visto não ser este nosso enfoque analítico no momento. Entretanto, cumpre ressaltar a coerência entre elas e com a mensagem veiculada, criando um todo harmônico que se abre à interpretação de quem vê, ouve e analisa a animação.

¹ Mestre em Letras, pela Universidade de São Paulo.

² Endereço do *site* e ficha técnica nas Referências Bibliográficas.

Consideradas as personagens principais um homem e um peixe, buscamos evidenciar, ao longo deste texto, em um primeiro momento, as características e situações vividas por um e por outro, no cotidiano, para, em seguida, analisada a convivência que entre eles se estabelece, interpretar o desdobramento do sujeito em seu duplo e a relação dialógica de ambos entre si e com o mundo.

Para fins analíticos chamaremos de Homem e de Peixe a um e ao outro. A epígrafe aponta para o objetivo de nosso trabalho que é, sobretudo, evidenciar a superação do solipsismo³, predominante na esfera da consciência monológica, pela relação com o outro que possibilita o desdobramento do sujeito e a correspondente expansão de sua consciência na construção permanente da própria identidade. Revela-se, nesse processo de transformação, o duplo, que segundo Bakhtin é o “eu que se desdobra em outro”. Em concordância, lê-se no *Dicionário de termos literários* (2009), no verbete referente ao Duplo:

O conceito mais comum relativamente ao duplo é que algo que, tendo sido originário a partir de um indivíduo, adquire qualidade de projecção e posteriormente se vem a consubstanciar numa entidade autônoma que sobrevive ao sujeito no qual fundamentou a sua gênese, partilhando com ele uma certa identificação. Nesta perspectiva, o Duplo é uma entidade que duplica o ‘eu’ destacando-se dele e autonomizando-se a partir desse desdobramento.

Considerando o Homem e o Peixe, verificamos que, se no início da animação parecem eles criaturas opostas (uma da terra e outra da água), portanto, contrastantes; no decorrer da convivência, estabelece-se entre ambos uma relação harmoniosa, afetiva, expressa, principalmente pelo beijo e pelo sorriso, o qual o envolve como em um abraço. Bakhtin em *Estética da criação verbal* (2003) aborda a questão do outro em todos os seus limites, sua finitude e existência-aqui-e- agora apreendidos pelo sujeito com um abraço, pois nesse ato, o ser adquire novo sentido no plano da existência. Desse modo, a existência exterior do outro se torna interiormente ponderável: “Como objeto do abraço, do beijo, do afago, a existência exterior limitada do outro se torna axiologicamente rija e pesada, um material interiormente ponderável para se enformar plasticamente e esculpir um dado homem não como espaço fisicamente acabado e fisicamente limitado, mas como espaço vivo esteticamente acabado e limitado, como espaço esteticamente acabado do acontecimento.” (BAKHTIN, 2003: 39). A partir daí,

³ “Isolamento de cada um em face aos outros”. E-*Dicionário de Termos Literários*. Coord. Carlos Ceia.

vivenciando a situação do “outro” cada sujeito se estende, ou seja, se desdobra em características, no caso da animação *A fish with a smile*, positivas de respeito mútuo, apesar de serem heterogêneos. Estabelece-se uma relação dialógica, ou seja, ao que concerne a Bakhtin sobre dialogismo, “o espaço interacional entre o eu e o tu.”. Citando: “A vida autêntica do indivíduo só é acessível a um enfoque dialógico, diante do qual ele responde por si mesmo e se revela livremente.” (1997: 59)

Em consonância às palavras de Bakhtin, ao transpor a animação das imagens visuais para a linguagem verbal, podemos resumidamente dizer o seguinte: no início, tanto o Homem quanto o Peixe se mostram criaturas solitárias, embora de maneiras diferentes. O Peixe, preso dentro do aquário-vitrine de uma loja, localizada em movimentada rua de cidade, ignora os outros peixes que ali nadam e demonstra interesse pelo exterior, acompanhando, pelo vidro, o homem solitário, de terno, que passa pela rua rumo ao trabalho. O Homem, que caminha livre pela rua, parece ignorar as outras pessoas que passam por ele, prisioneiro de si próprio que está. A atitude de ensimesmamento e o estado de solidão em que ele se encontra lembram o “homem do subsolo”, ou seja, aquele a quem Bakhtin se refere como sendo voltado para seu próprio interior, em *Problemas da poética de Dostoiévski* (1997: 58). A feição sombria, a postura desanimada, cabisbaixo, os ombros caídos, as tonalidades sóbrias das vestimentas, dos ambientes da rotina doméstica e da vida do Homem são índices de sua solidão. Em sua casa, no andar superior de um edifício, a escada de acesso traz a conotação da dificuldade de transposição para um plano mais elevado, o qual pode ser entendido como de maior consciência de si e do outro. Nos três cômodos há móveis essenciais e escassos objetos, apenas para sobrevivência: um quarto com cama, mesa e cadeira, um banheiro, e uma salinha com televisão, estante e luminária. De modo geral os elementos espaciais criam um ambiente de alguém debruçado sobre si mesmo e reforçam a idéia da rotina em que ele vive. Embora não haja acumulação de objetos, os móveis cumprem sua função tradicional. Cada cômodo têm emprego estrito. São unifuncionais e imóveis, o que segundo Baudrillard, “é uma imagem fiel das estruturas familiares e sociais de uma época.” (2006: 21). A ausência de família reforça sua solidão.

Tal situação começa a se modificar quando, em seu percurso cotidiano de casa para o trabalho, ele, certa manhã comum, ao caminhar pela calçada, dá-se conta do movimento do peixe que o acompanha através do vidro do grande aquário em que está contido. Na volta para casa, à noite, sua solidão angustiante é reafirmada pela bebida que ingere no gargalo, após ironicamente fazer um brinde com a garrafa ao Peixe e em

seguida cair na calçada. A crise solitária do Homem é evidenciada pelo Peixe que observa a sua queda pelo ângulo inferior do vidro do aquário. Prisioneiro, também, de seu lado, o Peixe reflete a prisão e a decadência em que o Homem se encontra. Apesar da transparência externa do vidro e do esforço de comunicação, eles ainda se mostram criaturas interiormente opacas, sem definição volitiva, criaturas angustiadas e solitárias. O elemento espacial vidro traz a conotação de modernidade e transparência, pois é ao mesmo tempo fim e meio. Vê-se o outro lado, mas não se tem acesso físico a ele.

No outro dia, chuvoso, rumo ao trabalho debaixo do guarda-chuva, o Homem, que se dera conta, de relance, da existência do peixe, permanece um instante a observá-lo no aquário. O elemento água atua como diferencial entre ambos: o homem da água se protege, o peixe precisa dela para viver. A seguir, ambos estabelecem uma relação visual mais intensa que denota interesse mútuo, o qual é confirmado mais tarde, quando o Homem entra na loja, compra o Peixe e o leva para casa em um pequeno aquário de vidro. Vistos de perfil, há traços semelhantes entre eles, como na proeminência da face e no semblante amistoso, por exemplo, prenunciando características comuns aos dois.

As cenas seguintes sugerem um processo crescente de interação entre ambos nas diversas atividades rotineiras, com o enfoque nas ações cotidianas da vida do Homem: alimentar-se e dar alimento ao Peixe, assistir TV junto com Peixe, borrifar água da banheira no Peixe, colocá-lo para dormir sobre mesinha do quarto com um beijinho de boa noite, a que o Peixe retribui, colocando a cabeça fora da água por um instante. A eloquência acontece pelos gestos e atitudes, estabelecendo entre ambos um discurso por meio de enunciações dialógicas, onde ainda prevalecem comportamentos humanos, como, por exemplo, o beijo e o sorriso, índices de afetividade. Nessa situação, o animal, deixando de ser tratado como “objeto”, começa a interagir com o sujeito. A relação entre os dois se transforma gradativamente, invertendo a situação inicial do cuidado do Homem com Peixe. Nas palavras do autor da animação, Jimmy Liao: “Um peixe tão leal quanto um cachorro, tão atencioso quanto um gato, tão cuidadoso quanto um amante.”⁴ Deixando de representar a imagem do universo doméstico narcisista, o Peixe, ao “dialogar” com o Homem promove a ampliação da autoconsciência deste.

No transcorrer da noite, magicamente o Peixe se torna fluorescente, iluminando o aquário que começa a levitar atraindo consigo os demais objetos para fora do quarto. O Homem parece acordar e acompanha-os de pijama e roupão pelas ruas silenciosas da

⁴ No *site* do autor, nas Referências.

cidade adormecida. Por onde o peixinho no aquário vai passando, luzes vão se acendendo. Um gato mia saltando a uma janela e um cão ladra seguindo o cortejo, acrescido de outros peixes, que nadam livres na atmosfera noturna, prenunciando a carnavalização que se concretizará mais adiante. Há uma inversão do estranho e do familiar. Iluminada pelo aquário com o peixe, a cidade dá-se a conhecer de outro modo, em outra dimensão, adquirindo novo sentido, mais interativo entre a técnica, a cultura e a natureza. As luzes que se acendem, os edifícios que se iluminam e as árvores que brilham são exemplos dos novos acontecimentos. Há um ritmo festivo, os gestos são soltos. Inverte-se a relação hierárquica existente até então entre o Homem e o Peixe. Agora é o Peixe quem conduz o Homem. Segundo Bakhtin, “A estrutura da imagem carnavalesca tende a abranger e a reunir os dois pólos do processo de formação ou os dois membros da antítese” (1997: 179). No caso, a antítese água-terra entendida como meio ambiente.

Durante a travessia da ponte, o Homem pára e observa na distância a paisagem urbana e a água abaixo, em atitude de reflexão. Continuando a seguir o Peixe, chega a um bosque no qual começa a dançar sozinho em meio às flores que se iluminam ante a passagem do peixinho no aquário. O luar, também presente, remete ao romântico da natureza. Entre as voltas da dança, o Homem retorna à infância e partilha com outras crianças das brincadeiras de esconde-esconde e de ciranda. Nos folguedos populares volta a ser menino, e o tempo brinca e ri: “É o garoto brincalhão de Heráclito que detém o poder supremo no universo (‘à criança pertence a supremacia’). A ênfase é sempre colocada sobre o futuro, cuja face utópica se reencontra constantemente nos ritos e imagens do riso popular que acompanha a festa.” (BAKHTIN, 2008: 71). Acontece no Homem uma redescoberta do uso do espaço pelo corpo, uma nova relação dele com o mundo singular e concreto que vivencia, nessa situação, evidenciando o processo de formação da autoconsciência. Mesmo que retorne mais tarde à situação ordinária de angústia e solidão em que vive, esse clarão formará uma verdade diferente, uma nova consciência.

Adulto outra vez, ele chega à beira-mar por um trapiche. O amanhecer ensolarado e a brisa morna motivam-no a nadar. Despe-se e, com ar de satisfação, mergulha. O Peixe vem lhe fazer companhia no fundo do mar, como que o ensinando a nadar. O ato de engatinhar debaixo da água remete a essa aprendizagem, ambígua. Nesse sentido, o ar risonho do Homem, enquanto nada submerso, a livre familiaridade (com os outros peixes), a fusão dos elementos opostos (homem/terra e peixe/água), a coroação do Homem (iluminado pelo peixe no mar) e seu destronamento (prisioneiro no

aquário, como um peixe), completam o processo de carnavalização, que segundo Bakhtin é “a transposição do carnaval para o plano literário [audiovisual]” (1997: 122).

Temporariamente, através desse processo, deixa o Homem de ser o rei dos animais, segundo o mito adâmico e passa a ser um dos elementos da Natureza. A relação de verticalidade hierárquica entre os dois – Homem e Natureza -, é substituída pela relação de horizontalidade solidária, de convivência mútua, em livre familiaridade. Instaura-se um clima de verdade popular não oficial. O riso se caracteriza como uma sensação social, universal, o que remete a Bakhtin, naquilo que ele considera um resgate da Idade Média: “A vitória sobre a morte não é absolutamente a sua eliminação abstrata, é ao mesmo tempo o seu destronamento, sua renovação, sua transformação em alegria: o ‘inferno’ explodiu e converteu-se numa cornucópia.” (2008: 79). Símbolo do exagero.

A princípio, outros peixes nadam com eles até que, surpreendentemente, são barrados pelo vidro de um grande aquário onde o homem está contido. Invertendo-se aqui a situação inicial, os peixes no mar (livres, em seu ambiente natural) observam o homem (prisioneiro, fora de seu ambiente natural), através do vidro. A transparência do vidro, neste caso, ressalta o espelhamento, ou seja, a inversão das situações. Cabe, aqui, ponderar, ainda que brevemente, que se o mergulho, no sentido topográfico, remete ao abissal, grotesco, entendido como elemento estrutural, sinônimo de rebaixamento do homem à condição de peixe; o elemento água remete à origem da vida, e, portanto, ao renascimento através da libertação da própria solidão e da busca da relação com o outro. Nesse processo, o sujeito adquire autoconsciência de si mesmo e do diferente, o que implica, evolutivamente, diálogo contínuo da convivência mútua.

Nessa nova situação, inversa à inicial, o Peixe nada livremente em seu ambiente natural, a água, enquanto o Homem é prisioneiro num aquário e luta por sobreviver em ambiente adverso à sua natureza. Do ponto de vista hierárquico, há um rebaixamento do homem à condição animal, entretanto, se levarmos em conta a mitologia, o peixe simboliza, entre outras coisas, a origem da vida, o renascer. Na doutrina cristã ele é o símbolo do próprio Cristo, que morreu e ressuscitou. Após duas tentativas vãs, o Homem consegue estourar o vidro do aquário com o próprio corpo e, assustado desperta do parece ter sido um sonho, ou seja, ressuscita⁵. Levanta-se da cama e vai se sentar próximo ao aquário do Peixe, observando-o conscientemente e sendo por ele observado. Nessa reflexão há um desdobramento de ambos, pela transparência do vidro do aquário,

⁵ Nesse sentido o aquário conota o baixo corporal, útero donde ele renasce.

o qual, longe de estabelecer um limite, é um limiar a ser transposto. Inquieto com os próprios pensamentos, o Homem caminha de um lado para o outro no seu quarto até o amanhecer. O Peixe, de dentro do aquário acompanha seu movimento.

Na manhã seguinte, de bermuda e chapéu de sol, o Homem sai de casa com o aquário do Peixe nas mãos e refaz o mesmo percurso do que pareceu ter sido um sonho na noite anterior. Cruza a cidade, atravessa a ponte, o bosque, chega à beira-mar. Desta feita, entra em um barco e dirige-se ao largo. Ao parar, liberta o Peixe do aquário. Este, à medida que nada ao fundo, torna-se fluorescente. Focalizado debaixo, o barco flutua ao movimento das ondas. Focalizado de cima, mostra o homem adormecido. Com um salto da água, o Peixe cruza por cima do barco. Aparentemente, o Homem desperta e ajoelhado à proa fica olhando para a água como que a procurar o Peixe, até que este delicadamente aparece à tona, e inclinando-se, ambos dão um beijinho e sorriem. Despedida ou promessa de reencontro, o beijo sela a convivência amistosa entre ambos. É noite, e na distância vê-se magicamente o mar se iluminando e o barco a levitar, como o aquário com o Peixe e os demais objetos do quarto do Homem, na noite anterior.

O barco, símbolo da travessia, também pode ser interpretado como o que conduz à consciência iluminada, após a morte da ignorância. Ignorância aqui entendida como desconhecimento de si e do outro, daquilo que não é familiar, da não-compreensão do estranho, do diferente. Antes de vivenciar a situação do Peixe no aquário, o Homem não tinha consciência do sentimento de prisão, contrário à liberdade natural, e isso o restringia a viver isolado no mundo, prisioneiro de si próprio. Em seu estágio inicial de homem solitário, anterior à autoconsciência adquirida através do diálogo com o outro (Peixe), havia apenas o monologismo do Homem consigo próprio e através de atitudes que revelavam a predominância de seus hábitos solitários, aparentemente mecânicos, sem reflexão, como por exemplo, a ingestão de bebida alcoólica e o assistir à televisão. Com a presença do Peixe em sua casa, paulatinamente ele estabelece relações dialógicas com o outro. Inicialmente, no plano da expressão, apresentam-se como personagens opostas, de caráter paradoxal, um pertencente à terra e o outro à água. Entretanto, se consideramos o ar elemento comum aos dois, podemos pensar em fusão, ou seja, em uma nova construção por intermédio do oxímoro⁶. Esta fusão acontece nos trânsitos de identidade dos sujeitos (Homem e Peixe) que se desdobram em seu duplo, a partir da carnavalização, no ambiente submerso, em que o Homem nu, ambigualmente

⁶ “Antítese lexical”, “junção paradoxal” para valorizar a força expressiva. (*Idem, ibidem*: CEIA).

Fusão de dois membros contraditórios num só. Ex: liberdade confinada, civilização natural, viva morte.

engatinhando como uma criança, debaixo da água aprende a nadar com o Peixe, o qual se torna, naquele momento, seu mestre.

De acordo com Bakhtin, o que configura o dialogismo é o diálogo estabelecido com a diversidade da própria existência. No caso, do Homem com o Peixe, através de ações relacionais. O meio ambiente propício ao Homem é a terra, ao Peixe, é a água, o que os difere um do outro, embora ambos necessitem de um elemento comum para viver: o oxigênio. Do mesmo modo, o anseio por liberdade e por comunicação se consagra como um bem-comum a ambos, na referida animação. Nesse desdobramento de si no outro, através da relação com o Peixe (seu diferente), o Homem, inicialmente do subsolo, evolui para sujeito autoconsciente. Desdobra-se o Peixe em o duplo do Homem, e vice-versa, ou seja, naquele que o completa em si e na comunicação com o outro e como o mundo. A constituição do sujeito relacionado com o outro o faz outro. São, portanto, Homem e Peixe, através do diálogo, seres diversos em interação, o que justifica, de certo modo, a fundamentação na teoria bakhtiniana sobre o duplo a que se recorreu nesta análise, para fins interpretativos, conforme anunciado no início.

Cabe ainda dizer, que enquanto metáfora e metonímia, o Homem também remete à Civilização e o Peixe à Natureza. A relação entre ambas – Civilização e Natureza - é tema recorrente na Literatura, a exemplo dos romances *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, e *Todos os Nomes*, de José Saramago, e dos poemas *O Sentimento dum Ocidental* e *Nós*, de Cesário Verde, para citar prosa e de poesia.

No caso da animação *A Fish with a Smile*, vencedora do Festival de Berlim, na categoria de curta-metragem, além da relação eu-outro ampliada pela autoconsciência, a qual liberta o Homem da condição de subsolo e o Peixe da condição do aquário, ambas conotando prisão e isolamento, a interação Civilização-Natureza cria novas possibilidades de convivência benévola pela conscientização de valores como a liberdade e o respeito à alteridade e ao meio ambiente, para a construção de um mundo melhor, onde o ser humano e a natureza convivam em harmonia.

Da convivência estabelecida, tanto o Homem como o Peixe revelam-se duplos: este, conquistando o respeito do Homem por seu ambiente natural, e, portanto, pela Terra como um todo, torna-se livre; aquele, liberto de sua solidão ensimesmada, dialoga com o outro e com o mundo. Em ambos os sujeitos, o ampliar-se da afetividade resulta em sabedoria co-existencial e promove a convivência harmônica, representada pelo beijo e pelo sorriso. É estabelecida uma relação interagente entre eles, rompendo-se desse modo a idéia tradicional de que o Homem é o rei dos animais, e criando-se novo

paradigma, ou seja, o de ser humano como parte integrante da natureza. Tal remete ao duplo em Bakhtin: “Assim expressos os contrários se encontram, se olham mutuamente, refletem-se um no outro, conhecem e compreendem um ao outro.” (1997: 123).

Ainda que apenas um clarão na consciência obscurecida do Homem, o universalismo e a liberdade experimentados por ele durante o breve período de inversão acima citado, uma nova consciência sobre o mundo e sobre o homem se delineia a partir da relação como o outro, no caso, o Peixe. Nesse sentido, a ironia é o fio condutor no processo de ampliação da consciência do Homem, que passa a se compreender como parte da Natureza, através do seu duplo, o Peixe. Pode-se dizer, com Linda Hutcheon, que “do ponto de vista do interpretador, a ironia é uma jogada interpretativa e intencional; é a criação ou inferência de significado em acréscimo ao que se afirma – e diferentemente do que se afirma – com uma atitude para com o dito e o não-dito” (*Apud* LOPONDO, 2006: 251).

Longe de ser aqui entendida como mero simulacro, na concepção de Baudrillard, “substituição da realidade em que vivemos pela imagem que a representa”, no caso, como forma de compensação à destruição da Natureza pelo ser humano, a animação *A Fish with a Smile*, aqui brevemente analisada, pode ser compreendida como um instrumento de sensibilização, conscientização e capacitação, através da técnica virtual, contemporânea, para o ensino e a aprendizagem, entre outras disciplinas, das relacionadas à Comunicação e Expressão e à Ética Ambiental, em *strictu e lacto sensu*, nas mais diversas situações e graus de escolaridade. Por veicular um pensamento que se organiza por deslocamentos, um anti-sistema paradoxal e radicalmente reflexivo que dê conta do mundo sem preconceitos e sem nostalgia da verdade inscreve uma idéia de liberdade. A partir da relação dialógica do sujeito com o outro e com o mundo, através de situações que remetem ao duplo, amplia-se a idéia de liberdade e consciência crítica.

A animação *A fish with a smile* (2005), vencedora do Festival de Berlim (2007) e do Japão (2006), dentre outros festivais internacionais, na categoria curta-metragem, remete ao processo contínuo de formação da identidade do sujeito. A partir da análise da personagem e de sua relação com o mundo, fundamentada nos conceitos bakhtinianos de duplo, verificamos um desdobramento evolutivo de homem do subsolo a sujeito autoconsciente. Se num sentido a animação pode ser interpretada à luz da teoria literária, em outro sentido, essa mesma teoria propicia o aprofundamento necessário à reflexão crítica sobre as imagens virtuais apresentadas, que expressam o diálogo entre situações humanas e ambientais, de modo sutil e comovente.

A análise interpretativa da animação demonstra que no processo de formação de autoconsciência, o diálogo com o outro é essencial. No caso de *A fish with a smile*, a relação dialógica entre o Homem e o Peixe, dá-se por meio do duplo. Tanto o Homem como o Peixe desdobram-se um no outro. Desse modo, das duas personagens iniciais, solitárias e monológicas, temos as personagens desdobradas em seus duplos, afetivos, dialógicos e interagentes.

Retomando, para concluir, a epígrafe *O Homem nunca encontrará sua plenitude apenas em si mesmo*, podemos dizer que o estado de solidão e angústia em que o Homem vive no início da animação vai sendo superado no decorrer dela através de sua relação dialógica com o outro, o Peixe. Desdobrado em seu duplo, o sentimento de plenitude se instaura tanto em um quanto em outro que, em liberdade, passam a conviver harmoniosamente, através da relação dialógica, em contínuo processo de construção da identidade. Embora esteja cada qual em seu meio ambiente, um na terra e outro na água, ambos estão enriquecidos pelos laços afetivos no processo de formação da consciência, que segundo o próprio Bakhtin, no sujeito do limiar é sempre inacabada.

O uso da técnica para fins de harmonia revela a cosmovisão do criador da animação virtual *A fish with a smile* que constrói relações dialógicas, solidárias, interagentes entre Homem, Cultura e Natureza, desconstruindo as situações monológicas, hierárquicas, estratificadas. Tal procedimento remete às palavras de José Renato Nalini, aqui adaptadas ao contexto: “Tudo seria mais simples se a técnica fosse encarada como apreensão do conhecimento a serviço de finalidades nobres.” (2010: 66).

Ao compreender diversidade e heterogeneidade como princípios das relações socioespaciais, o leitor se abre ao questionamento e às possibilidades de análise e interpretação do texto decorrente da transposição da linguagem visual de *A fish with a smile* para a linguagem verbal. Enquanto leitor aberto às várias possibilidades de análise interpretativa, colocamo-nos, também, como sujeitos inconclusivos, em contínuo processo de transformação evolutiva. Essa perspectiva pode trazer novas esperanças à nossa existência, em seus múltiplos sentidos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo-Brasília: Hucitec, 2008.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 1997.

BAUDRILLARD, Jean. Entrevista com Jean Baudrillard. Cad.2. *O Estado de São Paulo*, 1999.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro. Porto: Lelo e Irmão, 1989.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Ensino das formas de arte do século XX. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. *Teoria e política da ironia*. Trad. Júlio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

LOPONDO, Lílian. O inferno de Bernardo Santareno: polifonia e intervenção. In: _____. (Org.) *Dialogia na Literatura Portuguesa*. São Paulo: Scortecci, 2006.

NALINI, José Renato. Ética ou Técnica? In: *IVESGANDRA: Palavra*. (Coord. APL e IASP). Mindlin, José et al. Ribeirão Preto – São Paulo: Migalhas, 2010.

RIBEIRO, Raquel S. *O Real e o Ideal: Saramago e Platão*. In: *Dialogia na Literatura Portuguesa*. São Paulo: Scortecci, 2006.

Sites consultados

JIMMY Liao. *A fish with a smile*. 2005. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=haUYUo37UmI>> Acesso em: 29.08.2009.

CEIA, Carlos (Coord.). *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <www.fcsh.uni.pt/edt> Acesso em: 29.08.2009.

Ficha Técnica do filme

A fish with a smile (Um peixe com um sorriso) / Título Original: *Wei-Xiao-Der-Yu*

Autor e Produtor: Jimmy Liao (Taiwan-2005) <<http://www.jimmypa.com>>

Diretores: C. Jay Shih, Alan I. Tuan, Poliang Lin

Música: Chien-Chi-Chen